

# A POÉTICA DAS VIAGENS: O BRASIL COMO INSPIRAÇÃO PARA ELIZABETH BISHOP

Moselle Ottoni Sant'ana<sup>1</sup>

Jacqueline Laranja Leal Marcelino<sup>2</sup>

**Resumo:** A obra *Questions of Travel* de Elizabeth Bishop, publicada em 1965, agrupa poemas em inglês sobre o Brasil, inspirados na cultura brasileira, revelando o olhar estrangeiro da poeta, desde o primeiro contato com o país à permanência. O objetivo deste artigo é discorrer sobre a poética de Bishop, ressaltando o gênero literatura de viagem, através dos poemas criados a partir de suas vivências no Brasil. Serão abordadas vida e obra, seu vínculo com o Brasil, seu estilo de escrita e o conceito de literatura de viagem, associando os poemas a relatos de viagem. Por conseguinte, sucederá a análise de três poemas selecionados da obra *Questions of Travel* a fim de refletir sobre as mudanças da percepção de Elizabeth Bishop acerca do Brasil. Para desenvolver a biografia da poeta, nos fundamentamos em cartas escritas por Bishop, reunidas por Giroux (1994), em observações de Ellis (1950), Millier (1993) e reflexões de Britto (1999), que agrupou e traduziu poemas de Bishop, inspirados no Brasil. No que se refere ao estilo de escrita da poeta, recorreremos a Anastácio (1999), Costello (1991) e Robbins (1966), que discutem a sua poesia moderna. A temática de viagens na escrita da poeta é explorada pela perspectiva de Bernlef (1976); e a literatura de viagem, pela perspectiva de

Cristóvão (2002), Junqueira (2011), Machado & Pageaux (1994), Ribeiro (2007) e Romano (2013).

**Palavras-chave:** Poesia; Literatura de Viagem; Olhar Estrangeiro.

## Introdução

A poesia moderna de Elizabeth Bishop influenciou toda uma geração, tornando-a reconhecida como uma das poetisas de língua inglesa mais influentes do século XX. A sua maneira detalhista de relatar o que observava, explica muito sobre o tipo de

---

1 Mestranda em Letras pelo PPGL, vinculado ao Departamento de Educação - Campus X da Universidade do Estado da Bahia - DEDC X/UNEB. cursando Especialização em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/FALE. Licenciada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus X. E-mail: moselleottoni@gmail.com

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Graduada em Letras - Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. E-mail: jmarcelino@uneb.br

escritora que era: perfeccionista e devota à arte da poesia, que acompanhou desde a infância. Em uma de suas viagens, Bishop passou pelo Brasil durante uma expedição com o intuito de conhecer a América do Sul e, por razões sentimentais, mudou-se para o país, residindo aqui por mais de dez anos. Entre os seus vários poemas de viagem, muitos foram inspirados no Brasil, país que ela apresenta como um lugar excêntrico, sendo uma guia-turística, que também faz novas descobertas com o leitor.

Este trabalho destina-se ao estudo de poemas selecionados da obra *Questions of Travel* de Elizabeth Bishop, que não podem ser dissociados de sua vida. Incorporamos o gênero literatura de viagem às peculiaridades presentes em sua poesia, visto que os poemas podem ser considerados relatos de viagem, frisando a magistralidade que a distingue dos demais escritores-viajantes e poetas, em virtude de sua escrita contemporânea e essência genuinamente poética. Estes relatos de viagem revelam a excentricidade da poesia de Elizabeth Bishop, por se tratar de poemas em língua inglesa sobre o Brasil, embora tanto a poeta, quanto seus poemas ainda sejam pouco explorados pelos brasileiros. Bishop registrou o espanto e o deslumbre pela cultura e geografia brasileira, em poemas ricos de metáforas.

Objetivamos apresentar os aspectos biográficos de Elizabeth Bishop, seu espírito aventureiro, bem como se deu a sua chegada e instalação no Brasil, além de seu relacionamento com Lota de Macedo Soares, com o novo espaço geográfico e o impacto dessas experiências em sua vida. Será abordado também o estilo de escrita da poeta e a originalidade de sua poesia moderna. Em sequência, buscamos investigar a literatura de viagem e o vínculo dos poemas de Bishop com essa perspectiva de escrita. Por fim, serão analisados três poemas da obra *Questions of Travel*, publicada em 1965. Os poemas selecionados evidenciam a variação do ponto de vista de Bishop sobre o Brasil, a partir da sua chegada em Santos, onde há desencantamento, até sua gradativa adaptação – a enlevação pelo novo e por sua inesperada paixão.

## **1 Elizabeth Bishop, uma expoente da poesia norte-americana**

Amante de viagens e da literatura, Elizabeth Bishop foi uma poeta que teve a vida e arte movidas pelas suas descobertas ao redor do mundo e pelas suas paixões turbulentas. Nascida em Worcester, Massachusetts nos Estados Unidos, em 8 de fevereiro de 1911, residiu em diferentes locais ao longo da infância, adolescência e juventude. Bishop não teve a chance de conhecer seu pai, perdeu sua mãe e morou com os avós maternos no Canadá, com os avós paternos em Boston e Worcester, e com uma tia, em Revere, Massachusetts, lar onde lhe foi apresentada a poesia. Desde menina, era criativa e seus primeiros poemas foram publicados por uma revista estudantil. Entrou na *Vassar College*, em Poughkeepsie, Nova Iorque na mais alta expectativa de estudar música e se formar como compositora, porém mudou de curso e escolheu a literatura (MILLIER, 1993).

Em 1933, Bishop publicou seu trabalho de conclusão de curso na revista *The Magazine* e fundou uma revista intitulada *Con Spirito* em companhia das irmãs Eunice e Eleanor Clark, Muriel Rukeyser e a escritora Mary McCarthy. Em 1934, ano em que se formou, Bishop conheceu Marianne Moore, poeta que mais tarde influenciaria em sua poesia e se tornaria uma grande amiga. Apesar de estar rodeada por seus familiares e amigos, Bishop sentia-se só o tempo inteiro e fez do pessimismo o seu escape. Sua melhor companhia eram os livros e a música. Quanto ao seu processo criativo, inúmeras foram as vezes em que descartou poemas, ou que os finalizou depois de semanas, até meses. Ellis (1950) explica que a poeta exigia demasiadamente de si, era o tipo de escritora extremamente criteriosa:

Como a maioria dos poetas, ela não senta e escreve simplesmente como se fechasse as persianas. Ela dá seu suor. Uma frase solta aqui, uma palavra apanhada ali, uma expressão que surge na mente, ficam cuidadosamente arquivadas em sua memória até que ela consiga pôr as mãos em um pedaço de papel. [...] A consultora em poesia de 38 anos guarda esses papéis como quem coleciona moedas e caixas de fósforos. Pode-se passar uma semana ou seis meses até que ela reúna todos aqueles papezinhos em sua mesa e os junte como se fossem um quebra-cabeça (ELLIS, 1950, p. 5).

Bishop guardava palavras e expressões para serem usadas no momento ideal, se comprometendo seriamente com a poesia. Na adolescência, a poeta desenvolveu a admiração pela natureza e pela literatura de viagem. Encantava-se por geografia, que era natural e paisagens encontradas ao longo de suas viagens, que se iniciaram por volta de 1935, em lugares como o Norte da África, Espanha, Itália, Bélgica, França etc. Seu grande prazer era explorar o mundo, algo que não deixava de fazer independentemente do sofrimento causado pela asma e alcoolismo, combinação que acarretou em uma depressão profunda no decorrer de sua estadia no México e Flórida, na criação do seu primeiro livro de poemas *North and South*, publicado em 1946.

Em 1951, Elizabeth Bishop decidiu se retirar para uma viagem com destino à América do Sul, na tentativa de se afastar do seu passado infeliz. Perto de desembarcar no Brasil, escreveu a Robert Lowell – poeta e um de seus melhores amigos – em carta que estava partindo para Santos e logo se acomodaria alguns dias no Rio de Janeiro, para assim prosseguir com a sua jornada. A princípio, Bishop faria apenas uma escala, mas houve uma mudança de planos repentina e uma vez em solo brasileiro, os “acazos” fizeram com que a poeta permanecesse no país por mais de 10 anos (BRITTO, 1999). A primeira impressão foi decepcionante. Para Bishop, o Brasil tinha um cenário bonito e clima tipicamente intenso, mas nada que lhe surpreendesse. No poema “Arrival at Santos”, a poeta expressa suas opiniões acerca da cidade de Santos, escrevendo versos com um tom de deboche que transparece seu descontentamento.

Era uma “cidade tropical qualquer”, com sua capela, bandeira, sua moeda e cédula. Ao chegar no Rio de Janeiro, Bishop contou com a recepção das amigas Mary Morse e Pearl Kazan, instalando-se no Leme, no apartamento de Lota de Macedo Soares, que havia conhecido anteriormente, em Nova Iorque. O Rio de Janeiro não lhe agradava totalmente. Em uma de suas cartas, ela desabafa garantindo que a cidade maravilhosa era corrupta, do governo às atitudes de muitos que ali habitavam (BISHOP, 1951 *apud* GIROUX, 1994). As paisagens eram belíssimas, mas para ela a cidade do Rio de Janeiro em si, as ruas eram sujas e feias, o que acabava por chamar toda a sua atenção, naquele instante de retraimento. Para piorar, a cordialidade brasileira, que supostamente deveria atrair os turistas, a espantava.

Sozinha no apartamento, Bishop ficou novamente desolada, fora de órbita em uma cidade desconhecida, desorganizada e tomada pela alienação. A convite de Lota de Macedo Soares, arquiteta paisagista-urbanista, visitou o interior de Rio de Janeiro, Petrópolis. A arquiteta a mantinha um discreto relacionamento amoroso com Mary Morse – colega de faculdade e amiga da poeta. Lota, por sua vez, nunca havia realizado um curso superior, era naturalmente inspirada e talentosa, e apresentou a Bishop o que estava construindo: a “Casa Samambaia” – uma casa ultramoderna num espaço rústico, no meio do mato, em Petrópolis, que é referência na arquitetura brasileira até os dias atuais. Em curto prazo, Bishop se aproximou de Lota, causando o distanciamento entre a anfitriã e Mary, após uma crise de alergia provocada por um caju. Britto (1999) infere que:

Assim teve início a relação intensa e tumultuada de Elizabeth Bishop com Lota e o Brasil. O relato tem um curioso sabor mítico: tudo começa, de modo apropriadamente bíblico, com o ato de provar uma fruta desconhecida, tropical, “de aparência sinistra, uma combinação indecente de fruta e castanha”. O que parece indecente a Elizabeth é o menos aspecto vagamente fálico da castanha do que a própria ideia de mistura indevida num só objeto de duas categorias que, para um falante do inglês, são coisas muito diferentes – *nut* (castanhas, nozes e similares) e *fruit* (frutas propriamente ditas). Talvez também a choque o fato de o caroço pender da fruta, o fato de uma coisa tão íntima e secreta quanto uma semente vir do lado de fora, nua e desprotegida. Para Elizabeth, com suas raízes calvinistas, a distinção entre interior e exterior é apenas um dos princípios ordenadores sistematicamente violados neste país estranho e bárbaro em que o acaso a lançou (BRITTO, 1999, p.13).

Britto (1999) discorre, simbolicamente, sobre o que pode ter suscitado o romance entre Bishop e Lota. No Brasil, a poeta encontrou um amor fascinante, que quebrou paradigmas. Ambas “se completavam” por virem de mundos tão opostos, com ideologias diferentes e Elizabeth não hesitou ao se apaixonar pela personalidade forte da brasileira. Após tantas relações mal sucedidas, Bishop encontrou nesse novo amor o seu refúgio. O Brasil se tornou sua segunda pátria e, em entrevista a *O Globo*, justificou tal escolha porque “a natureza é doce e bela, e doce

e boa é a sua gente.”<sup>3</sup> Os primeiros anos de relacionamento foram harmoniosos, a poeta e a arquiteta se agradavam com presentes, incluindo passeios e viagens dentro e fora do Brasil. Bishop visitou grande parte do país, encantando-se por Ouro Preto, Minas Gerais e a Amazônia.

Bishop admitia que a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e de outras cidades do estado eram deslumbrantes e, embora não gostasse da estrutura da capital e de seus administradores, adaptou-se. Lota era a razão pela qual agarrou-se a um país estrangeiro sem família ou amigos, de idioma tão complexo. Estava sempre surpreendendo-se com a singularidade e com a cultura brasileira. A humildade do povo a encantava, mas a desigualdade social a estarrecia ainda mais. Bishop lamentava a perda da beleza natural do Brasil e criticava o comportamento dos governantes. Ainda assim, conheceu políticos em ascensão, principalmente após receber o Prêmio *Pulitzer* por *North & South - A Cold Spring* em 1956.

Lota era bem relacionada, as amizades eram majoritariamente com figuras da alta sociedade e, o então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, amigo da arquiteta, deu a ela um cargo para contribuir com o bem-estar do povo, que resultou na idealização no Aterro do Flamengo. A polêmica construção passou a ser julgada como desnecessária, fazendo com que a arquiteta se desgastasse fisicamente e emocionalmente, gerando um conflito em seu relacionamento com Bishop. Bishop mudou-se para Ouro Preto, intercalando entre as cidades do Rio e Seattle, em 1965, ano em que teve um *affair* com uma jovem recém-separada e publicou seu livro *Questions of Travel*, composto também por um capítulo de poemas inspirados no Brasil.

No final de 1966, devido às complicações com a construção do Parque do Flamengo e de seu relacionamento com Elizabeth Bishop, Lota sofreu um colapso nervoso e foi internada às pressas. A poeta, impedida pelo psiquiatra de se aproximar da companheira, rendeu-se ao álcool e se internou em uma clínica de repouso. Ambas se recuperaram progressivamente, posto que Bishop retornou a Nova Iorque em 1967. O amor por Lota se desvanecia, até que em setembro daquele mesmo ano recebeu a arquiteta, muito abalada e deprimida, no apartamento em que estava morando. O que Bishop não esperava era que Lota ingerisse uma quantidade insensata de sedativos às escondidas, levando-a ao coma por uma semana. Lota não resistiu e faleceu (BRITTO, 1999).

Sem o apoio de seus “amigos” brasileiros, Bishop foi morar em São Francisco, Califórnia. Selecionou poemas brasileiros e traduziu poetas como Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto. Em 1973, Elizabeth Bishop retirou-se definitivamente do Brasil e aceitou o cargo de professora da universidade de Harvard, em Cambridge. Entre vários projetos não finalizados, como o livro *Brazil*, os poemas “Santarem”,

---

<sup>3</sup> Declaração de uma entrevista para o jornal *O Globo*, retirada da obra *Conversas com Elizabeth Bishop*, p. 31.

“Pink Dog”, “Crusoe in England” e “One Art” foram publicados, explicitamente relacionados ao Brasil. A obra *Geography III*, aclamada pelos críticos, foi publicada em 1976, ano em que Bishop se tornou a primeira mulher e a única americana a receber o prêmio internacional *Neustadt* de Literatura.

Longe do Brasil, Bishop refez a sua vida pessoal e profissional ao lado de uma nova companheira. Exterminou os fantasmas do passado, controlou o alcoolismo e foi feliz com o que realizou em contribuição à poesia e à literatura inglesa em geral. Bishop dizia ter sido muito sortuda por ter tido a oportunidade de passar todos esses anos no país tropical e enxergar a sociedade mais do que um turista ou um viajante enxergaria, mais até do que os próprios brasileiros (BRITTO, 1999). O Brasil foi essencial na sua trajetória ao apresentar-lhe um novo mundo em que ela pôde conhecer mais de si mesma e de sua arte. Elizabeth Bishop morreu no outono de 1979 em Lewis Wharf, Boston, deixando o seu legado através de uma poesia indiscutivelmente genial.

## **2 A poesia moderna “imagética” de Bishop e a literatura de viagem**

Enquanto viveu de poesia, Bishop se distinguia pelos seus versos inusitados, que transparecem uma opinião emotiva, porém sóbria da realidade. Ela se arriscava com rimas irregulares, escrevia mais a respeito do que lhe circundava a preferir falar de assuntos pessoais. Se não escrevia um poema baseado em um tema, escrevia o poema a partir de um sentimento e então o tema surgia, feito uma “mera consequência”. A poeta investia em um estilo de poesia moderna, sobretudo detalhada com a finalidade de criar imagens mais realistas possíveis na mente do leitor, o que podemos chamar de “poesia imagética”. Robbins (1966) argumenta que embora tenha sido rotulada como uma poeta norte-americana tradicionalmente refinada, a poesia de Bishop estava longe de ser padronizada e monótona:

Mesmo que um poema deva ter sentido (ou seja, deva começar em um ponto e mover-se em direção a outro), não se pode esperar que a poesia intelectualizada, de ideias abstratas, atraia leitores que tenham a mente e o coração abertos para a vida. [...] Se não provoca surpresa ou espanto, se não existe mais da imaginação do que algumas habilidades técnicas, um poema não pode ir muito além dos limites da página em que está impresso. [...] O que deveríamos realmente agradecer é que existam alguns poetas com coragem, paixão, humor e imaginação. Alguns poucos poetas que permanecem longe da mesmice, poetas – e Elizabeth está entre eles – que utilizam as brilhantes ferramentas da linguagem para arrombar a porta do paraíso (ROBBINS, 1966, p. 12).

Segundo Robbins (1966), Elizabeth Bishop se dedicava ao extremo. Buscava o espanto e a imaginação para compor seus poemas e se esmerava em recorrer a

potentes ferramentas de linguagem para se expressar com originalidade e inovação. Bishop não era uma poeta que falava muito da sua arte, de como fluía seu processo de criação. Em contrapartida, costumava comparar a construção de um poema à confecção de um mapa. Relatava também que algumas peças sumiam de vez em quando, mas quase sempre as encaixavam novamente. Quando não ocorria conforme o previsto, não conseguia finalizar o poema. Ainda que não aparentasse, era rigorosa consigo e modestamente alegava não estar satisfeita com os desfechos de seus poemas. Para ela, tudo precisava ser melhorado. Como qualquer poeta, tinha as suas particularidades e era bastante perfeccionista.

Apesar de muitos estudiosos concordarem com o caráter imagético da poesia de Bishop, pouco se comenta sobre seu interesse pela pintura, antes de se consolidar na poesia. A poeta adorava pintar aquarelas, em alguns de seus manuscritos poéticos e em cartas constam fragmentos de pinturas de figuras humanas, objetos e paisagens. Ao contrário da poesia, Bishop tinha um estilo de pintura mais grosseiro, como a de um iniciante sem muitas habilidades. O que impressiona é a escolha das cores, a mistura delas, que traduzem o seu sentimento e a sua maneira de observar as coisas. Consciente de que não era uma grande pintora, Bishop se dedicou à poesia. Todavia, Anastácio (1999) afirma que a poeta “pintava imagens com as palavras” nos seus poemas:

Com efeito, na maioria das vezes, a visualidade serve como ponto de partida para a poesia de Bishop; as imagens geradoras que vão alimentando e nutrindo o crescimento de ideias nos seus poemas são fundamentalmente de ordem visual. Como Bishop é uma escritora que, segundo o autor Octavio Paz, domina o “poder da reticência”, tal característica deixa uma fresta aberta para a imaginação visual do leitor. Na verdade, os seus versos insinuam mais do que ali é descrito, visto e mostrado; característica, aliás, que se percebe nas suas aquarelas, onde as linhas de fuga parecem continuar muito além do espaço da tela. Cabe ao receptor de seus trabalhos completar, com a sua imaginação visual, o que é muitas vezes apenas sutilmente esboçado (ANASTÁCIO, 1999, p. 18).

De acordo com Anastácio (1999), os versos da poesia de Bishop estão submetidos a múltiplas interpretações, como as aquarelas, possibilitando uma leitura mais independente, conforme o que cada leitor deseja acreditar, ou com o que mais se identifica naquele momento. Do mesmo modo que a poeta tinha grande apreço por criar imagens que podem ser comparadas a aquarelas pela porosidade das bordas, notamos que a geografia era o tema que mais gostava de abordar. Durante o período em que Bishop esteve no Brasil, seu gosto pela geografia também foi materializado e poemas foram inspirados em várias paisagens do país. Bishop facilmente alternava entre o cenário real e o imaginativo. Seu olhar era afetado pelas características de cada estado, pelo comportamento dos habitantes e pelo descaso com o patrimônio cultural.

No que tange à elaboração dos poemas relacionados ao Brasil, a poeta não precisou de muito para decidir sobre o que escrever nos seus poemas. A inspiração vinha de todas as direções, dos objetos, da fauna, da flora, e de quem estava próximo a ela. Em sua narrativa, acentua-se a poesia descritiva, um estilo que influenciou os jovens dos anos 1960 e conceituou sua originalidade, através da obra *Questions of Travel*. A literatura de viagem serviu de apoio para que ela pudesse provocar no leitor reflexões sobre a brasilidade, relatada sob seu ponto de vista. Costello (1991) afirma que ler a poesia de Bishop é se prender em seu conhecimento psicológico e filosófico. A poesia de Elizabeth, por sua vez, não se trata de versos especificando o óbvio. A poeta abusava de definições que reforçam a essência do tema escolhido por ela, que poderia ter passado despercebido para turistas e brasileiros.

Bishop foi uma viajante nata, que buscava o autodescobrimento em suas andanças. O gosto pela literatura de viagem foi sempre tão marcante que seus principais trabalhos são *North and South* (1946), *Questions of Travel* (1965) e *Geography III* (1976), livros contendo poemas inspirados em viagens pelo mundo sob uma poesia imagética e ótica metafórica. Antes de escrever, ela lia intensamente obras locais a fim de estudar determinado país/cidade para que pudesse explorar e, só então através de um pensamento consolidado, retratar em seus versos. As viagens fazem parte da singularidade da poeta e estiveram presentes em sua vida, tanto quanto a poesia.

Cristóvão (2002) classifica os textos que compõem a literatura de viagem em cinco categorias. A peregrinação, costume antigo e devoto à religiosidade, é a primeira categoria. O ato de “peregrinar” não é apenas caminhar, percorrer uma jornada, mas de fazê-lo em virtude de alguma comunicação com o divino. A segunda é designada pelas viagens de comércio, em que o comerciante viajava para trocas e vendas, atravessando longas distâncias sobre terras e mares, entrando em contato com outros povos. As viagens de expansão, que constituem a terceira categoria, são divididas entre as expansões de fé, científica e política. Os “exploradores” avançavam para fazer missões, adquirir/propagar conhecimentos científicos ou localizar novos continentes, como os grandes navegadores.

Seguidamente, as viagens de erudição, ou de “serviço” são direcionadas a conhecimentos científicos e de cultura para compartilhar com a sociedade pensamentos e experiências. Cristóvão (2002) reitera que são intelectuais, críticos e artistas que “não se acomodam à estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países, desejosos de encontrar fora de fronteiras o que lhes falta dentro”. Finalmente, a última categoria são as viagens imaginárias, integrando obras consagradas como *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, *Odisséia*, de Homero, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe e *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Para Cristóvão (2002), na literatura de viagem relatam-se experiências de viagens reais ou imaginárias, a depender da proposta do escritor-viajante:

Tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso, que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos



de ficção. Mas respeitando uma diferença fundamental: na narrativa da viagem real, a estrutura assenta na verdade ou na verossimilhança, sendo os elementos imaginários meros ornatos; na narrativa da viagem imaginária, é ao real que cabe o papel de ornamento (CRISTÓVÃO, 2002, p. 51).

Diante de tal afirmação, depreendemos que o real e a ficção se complementam a fim de enriquecer os relatos de viagem. Toda viagem denota certa significância no viajante ao ser relatada, sendo ela real ou imaginária, de tal maneira que o motiva a registrar acontecimentos que o marcaram pelos caminhos traçados, na maioria das vezes devido ao choque cultural. As novidades ocasionam o desenvolvimento de uma imaginação e criatividade mais livres do escritor-viajante, mostrando que há muito o que aprender e experimentar além da sua comodidade. Atualmente com a tecnologia, os relatos de viagem estão atrelados às mais variadas reproduções de imagens e narrativas, como cinema, fotografia, televisão, rádio, jornais etc. Contudo, o texto escrito permanece como um dos meios de linguagem que mais provocam sentimentalmente àqueles que o contemplam.

A literatura de viagem segue enquanto uma das tradições literárias que mais possibilita ao narrador explorar a si e ao país estrangeiro que o cerca. Geralmente, os relatos acompanham o contexto histórico sociocultural autêntico do ambiente pesquisado. Junqueira (2011, p. 45) aponta que os relatos tendem a ser escritos “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar descoberto, ainda que também mencione este.” As temáticas costumam estar ligadas às paisagens, às organizações políticas e sociais dos povos, às crenças e artes. Machado & Pageaux (1994) afirmam que a literatura de viagem é basicamente caracterizada por um caráter interdisciplinar e intertextual, que faz fronteira com a poesia, ficção e biografia, retratando o escritor-viajante enquanto o centro da narrativa durante e/ou após os trajetos:

Na narrativa da viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objeto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, ator, experimentador e objeto da experiência. Ou, ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário e, enfim, contador para o goáudio deste (MACHADO & PAGEAUX, 1994, p. 34).

Para um melhor entendimento dos relatos, é importante estar familiarizado com a trajetória do autor, saber mais sobre as suas experiências em outras viagens, o que o moveu a viajar e a sua relação com o lugar, assim como os aspectos mais populares e recorrentes da região. Segundo Junqueira (2011, p. 45), “devemos nos perguntar quem é o escritor-viajante ou quem ele quer ser”. Reais ou imaginários, os relatos partem da subjetividade do autor, de suas aventuras e complexidades no decurso da viagem. Viajar é uma prática milenar que abrange necessidades e

desejos, mas que não se limita ao ato propriamente dito. Há diversas formas de viajar, especialmente por meio da literatura.

Parte da produção literária de Bishop pode ser entendida sob a chave conceitual da literatura de viagem. A obra *Questions of Travel*, publicada em 1965, é dividida em dois capítulos, “Brazil” e “Elsewhere”, contendo 19 poemas e uma narrativa curta. A poeta narra suas descobertas e experiências dos trajetos percorridos pelo Brasil e em outros lugares. Os poemas são um tanto autobiográficos, além das explorações, Bishop escreve sobre afeto, se declarando para a então companheira Lota de Macedo Soares. A poeta era extremamente observadora, trazendo uma descrição geral das cidades, o olhar de uma turista desorientada e eventualmente arrependida, perdida em um país alheio à sua cultura. Os relatos de viagem são associados com frequência à bagagem carregada pelo escritor-viajante, às vezes inconscientemente, ao difundir seus sentimentos que transitam pelo local relatado. De acordo com Ribeiro (2007):

Os relatos de viagens são subgêneros da biografia e da autobiografia. Tanto uma como a outra contemplam a narrativa de uma vida toda, com início, meio e fim. O relato de viagem torna-se apenas uma ínfima parte de um todo, uma espécie de metonímia da vida. Tal fato colabora para que essas obras continuem a ocupar um espaço refutado pelo leitor e pela história da literatura. Se o relato de viagem não considera toda uma biografia, ele reproduz, no entanto, uma parte importante da vida (RIBEIRO, 2007, p. 225).

O aspecto autobiográfico tem uma forte presença nos poemas de viagem de Elizabeth Bishop, ela exteriorizava a sua visão particular, ainda que nas entrelinhas dos versos. A escritora tinha o hábito de viajar e segundo Bernlef (1976, p. 89), estava “congelando todos aqueles movimentos em naturezas-mortas extraordinariamente delicadas” para que pudesse aproveitar tais experiências, filtrando o que considerava importante ou não, relatar nos poemas. Ou seja, Bishop não viajava somente por lazer, mas pensando no desempenho de seu trabalho. Ela enfatizava empregando adjetivos que requerem certa concentração, o que pode ser ambíguo para muitos, e detinha de uma força lírica espontaneamente aprimorada, que intensificava a carga semântica dos poemas, renunciada em textos de viagem poeticamente tendenciosos, como bem descreve Romano (2013):

Podemos encontrar, principalmente em textos de escritores-viajantes, um viés poético que os tornam capazes de provocar o deslumbramento no leitor, não tanto pela novidade das referências imediatas, ou da efabulação construída a partir delas, mas pela força lírica que o olhar sensível e inteligente transmite. Força lírica essa perceptível no poder que o texto tem de provocar certo estranhamento no leitor, por meio dos recursos de linguagem com que o autor transfigura e plasma sua experiência de viagem – real ou imaginária, tais como intensificação de sonoridades,

metáforas, metonímias, sinestésias, antíteses, personificações, elipses, ironias (ROMANO, 2013, p. 42).

Com base nas características de relatos de viagens citadas por Romano (2013), reconhecemos que a “identidade híbrida” de Elizabeth Bishop, enquanto turista e residente do Brasil, foi determinante na criação de poemas sensoriais que são compostos por metáforas, personificações, ironias e por uma linguagem completamente imagética. A poeta viajou por toda a vida e por onde passou reteve as cores, aromas, sabores e sons. Permitia-se sair de sua zona de conforto e se aventurar no desconhecido. Mediante ao seu olhar estrangeiro, somos introduzidos a um Brasil exótico, desorganizado, rico em cultura e paisagens que muito divergia de qualquer país visitado por ela. Bishop afirmava que qualquer lugar é diferente de como o imaginamos e que a imaginação tem a sua própria geografia (BISHOP *apud* ANASTACIO, 1999), concluindo que, através de seus poemas, tornava-se possível viajar de várias maneiras.

### **3 Descobertas, autorreflexões e paixão, análise dos poemas “Arrival at Santos”, “Questions of Travel” e “Song for the Rainy Season”**

Realizamos a escolha dos poemas “Arrival at Santos”, “Questions of Travel” e “Song for The Rainy Season” da obra *Questions of Travel*, 1965, presentes no capítulo “Brazil”, para a análise a fim de contrastar as percepções da poeta sobre o país que visitava e no qual acabou residindo por anos, visto que ao chegar, rejeitou o Brasil e após um curto período começou a se mostrar mais receptiva, vindo a se envolver afetivamente com uma mulher brasileira. Para preservar a originalidade das palavras, rimas e principalmente a essência de Elizabeth Bishop, no corpo do texto estarão as versões em inglês de trechos específicos dos poemas. Todavia, constarão nas notas de rodapé as traduções em português dos versos e estrofes citados e as traduções na íntegra, todas por Paulo Henriques Britto, retiradas da obra *Elizabeth Bishop Poemas do Brasil*, 1999, de edição bilíngue inglês-português da editora Companhia das Letras.

#### **3.1 As primeiras impressões do Brasil**

“Arrival at Santos”, publicado em 1952, é o primeiro poema sobre o Brasil escrito por Elizabeth Bishop. O começo da agitada relação com o país está relatado em versos que não exprimem surpresa nem encanto. A poeta relata uma viagem em mar aberto e o ponto de parada na costa da cidade de Santos, em São Paulo. A cidade não oferece o que ela estava buscando enquanto uma escritora-viajante, sedenta por mundos excêntricos e novas inspirações e Bishop não disfarça a sua

frustração, observando e disparando informações aleatórias das descobertas pelo caminho sem entusiasmo algum.

Durante a viagem, a poeta expressa que não há nada de excepcional nas paisagens vistas pelo navio. Ao desembarcar em Santos, ela se depara com morros e folhas secas atrás de uma costa e um porto. Bishop avista uma pequena igreja entre os morros e logo armazéns e palmeiras, atribuindo características humanas, como “impractically shaped”, “self-pitying mountains”, “sad and harsh”, “frivolous”<sup>4</sup> ao ilustrar um cenário medíocre e muito inferior ao que se imaginava, deixando nítida a sua chateação:

“Oh, tourist, is this how this country is going to answer you  
and your immodest demands for a different world,  
and a better life, and complete comprehension  
of both at last, and immediately,  
after eighteen days of suspension?”<sup>5</sup>

A escritora-viajante acaba se culpando por suas expectativas, uma vez que desejava encontrar um lugar para se estabilizar e fantasiava o Brasil como um país surpreendentemente belo e intrigante. Bishop se mostra como uma turista insatisfeita, desorientada com a organização política e social do Brasil. Após alertar a turista do poema, que vem a ser ela mesma, sobre o próximo embarque ao dizer “finish your breakfast”<sup>6</sup>, a poeta menciona uma antiga embarcação, presumivelmente tão primitiva para uma norte-americana viajada, quanto o resto da cidade de Santos. O navio-tênder se aproxima para o prosseguimento da sua jornada e Bishop se atenta à bandeira nacional brasileira ostentada pela embarcação, inexpressiva sob o seu ponto de vista:

“So that’s the flag. I never saw it before.  
I somehow never thought of there being a flag,  
but of course there was, all along.”<sup>7</sup>

Bishop alega que jamais vira a bandeira do Brasil e, pensar que o país talvez não pudesse ter uma bandeira, indica o quanto era insignificante para ela. A poeta ainda registra no poema as cédulas e moedas com humor depreciativo, indiferente a tudo que simboliza o país. Não obstante, uma outra passageira a quem ela chama

---

4 “Formas nada práticas”, “montanhas cheias de autocomiseração”, “tristes e agrestes”, “frívolos”.

5 “Ah, turista,/ então é isso que este país tão longe ao sul/ tem a oferecer a quem procura nada menos/ que um mundo diferente, uma vida melhor, e o imediato/ e definitivo entendimento de ambos/ após dezoito dias de hiato?” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 61).

6 “Termine o desjejum” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 61).

7 “A bandeira. Primeira vez que a vejo. Eu tinha a impressão/ de que não havia bandeira, mas tinha que haver” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 61).

de “Miss Breen” é introduzida no poema ao ter a saia fígada por um gancho, manuseado por um funcionário do porto. O mau serviço dos funcionários brasileiros preocupa a poeta, pois Miss Breen é uma idosa, tida como alguém importante, agora um “refrigério” para o desânimo e impaciência que afligira Bishop ao longo da viagem. É informado até mesmo onde a recém-conhecida mora, subentendendo ser mais pertinente falar sobre ela, do que sobre a cidade de Santos:

“[...] Miss Breen is about seventy,  
a retired police lieutenant, six feet tall,  
with beautiful bright blue eyes and a kind expression.  
Her home, when she is at home, is in Glens Fall

S, New York. There. We are settled.”<sup>8</sup>

Miss Breen é destacada no poema, pois instantaneamente Bishop se familiariza com alguém que possui as suas mesmas origens norte-americanas, “superiores” às de um país emergente como o Brasil. O poema se assemelha a um caderno de anotações em tempo real, aproximando o leitor à genuinidade daquele momento. A poeta subestima os funcionários da alfândega, receosa em não encontrar alguém que fale inglês, ou pior, que não permita a passagem do seu estoque de uísque e cigarros, considerando seu histórico com o alcoolismo, estar sóbria não seria uma opção, durante uma viagem aparentemente entediante.

As últimas estrofes do poema seguem com a participação de Miss Breen e com uma Bishop cada vez mais inflexível, criticando a apresentação “fajuta” dos portos brasileiros: “Ports are necessities, like postage stamps, or soap,/ but they seldom seem to care what impression they make”<sup>9</sup>. O calor do país tropical revela à poeta o motivo dos sabonetes não serem os mais duráveis do mundo, assim como os selos, que não fixam nos cartões-postais. A viajante escreve para os amigos a fim de comunicar-lhes sobre a sua chegada no Brasil e, de alguma maneira, não se sentir tão solitária. O hábito de enviar cartas era um pressuposto para se manter em equilíbrio, nos lugares desconhecidos que visitava.

“Arrival at Santos” é um exemplo da vida agitada de uma turista que não sabe o que esperar na próxima parada e não tem controle da incessante mudança de seus planos nesse interím. Os portos são como as cidades em que já morou, deslocando-a de um lugar para outro. Bishop se decepciona com a chegada em Santos e apesar da sua personalidade pessimista, o mar aberto representa a infinitude dos seus sentimentos, a esperança de pertencer a um determinado espaço.

---

8 “Miss Breen tem uns setenta anos,/ um metro e oitenta, lindos olhos azuis, bem/ simpática. É tenente de polícia aposentada./ Quando não está viajando, mora em Glen/ s Falls, estado de Nova York. Bom. Conseguimos” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 63).

9 “Os portos são necessários, como os selos e o sabão,/ e nem ligam para a impressão que causam” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, p. 63).

O poema se encerra no verso em que Bishop emprega uma expressão muito utilizada pelos brasileiros, afirmando que estão indo para o *interior*: “We leave Santos at once;/ we are driving to the interior”<sup>10</sup>. A escolha da palavra “interior” ao invés de “countryside” chama atenção. Não é comum uma norte-americana dizer que está “indo para o interior” se referindo à uma cidade interiorana, o que nos indica uma abertura para o novo ao utilizar uma palavra, que por ser cognata, pode ter escutado os tripulantes falarem e aderido ao seu vocabulário. A abertura para o novo também pode indicar a disponibilidade para embarcar em uma viagem de autoconhecimento, pois estaria descobrindo o Brasil juntamente às suas reais convicções.

### 3.2 Refletindo sobre viagens com Elizabeth Bishop

Quatro anos após mudar-se para o Brasil, em 1956, Elizabeth Bishop publicou o segundo poema a ser analisado, “Questions of Travel”, revelando certa evolução no que se refere a sua poesia imagética moderna. Bishop, agora residente no Brasil, muito diferente da turista distante do primeiro poema analisado, passou a observar o país transbordando emotividade. No decorrer do poema, Bishop descreve tudo o que lhe impressionou durante um passeio em estradas brasileiras. As paisagens tão admiradas por ela e as casualidades são o foco dos relatos. Inicialmente, a poeta se deslumbra com as enormes montanhas e a correnteza dos rios que nunca cessa, embora comece o poema incomodada pelo excesso de cascatas, como se não fizesse sentido, ou a perturbasse.

Em um estado de melancolia, ao refletir sobre a quantidade de cascatas e o momento em que fluem, Bishop compara esse fenômeno da natureza com “quilométricos rastros de lágrimas” e as montanhas com “cascos de navios soçobrados”. Desta forma, inferimos que a poeta estava abalada, talvez até triste, por alguma razão ligada à viagem, ou simplesmente cansada, dado que na segunda estrofe questiona se sair de casa para visitar um novo lugar, diferente de tudo o que já viu, compensa todo o trajeto percorrido por ela, conforme se observa no trecho:

“Think of the long trip home.  
Should we have stayed at home and thought of here?  
Where we should be today?”<sup>11</sup>

Elizabeth Bishop levanta questionamentos ambíguos que ao mesmo tempo são respondidos por ela mesma. A ambiguidade é uma estratégia propositalmente utilizada na maioria de seus poemas para que não sejam limitados nem definidos. A

---

10 “Partimos de Santos imediatamente;/ vamos de carro para o interior” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, p. 63).

11 “Pensemos na longa viagem de volta./ Devíamos ter ficado em casa pensando nas terras daqui?/ Onde estaríamos hoje?” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, p. 65).

poeta questiona a “infantilidade” que nos move para assistir o pôr-do-sol em outros lugares, buscando respostas que justifiquem o porquê de viajarmos. Ela menciona o mais estranho teatro, o menor beija-flor do mundo, “coisas exclusivas” do Brasil que não havia presenciado antes. A princípio, pode parecer que Bishop se refere ironicamente a esses elementos, uma vez que em “Arrival at Santos” não demonstra entusiasmo com a cidade de Santos, no estado de São Paulo. A poeta cita várias informações, mas permanece indiferente e não se aprofunda em nenhuma delas.

Em “Questions of Travel”, Bishop mergulha em seus pensamentos e explicita seu apreço pelo que está vivendo ao focar em sonhos, que conseqüentemente remetem a planos. Bishop volta a se indagar: “Oh, must we dream our dreams/ and have them, too?”<sup>12</sup> Ou seja, a poeta não deseja apenas sonhar, mas realizar novas descobertas. Em seguida, uma série de achados são listados, no intuito de envolver o leitor, nos levando a embarcar para o estado do Rio de Janeiro, com o poder da imaginação, provocado pelas descrições através das suas imagens poéticas.

Para Bishop, o Brasil era exótico na mesma proporção que exagerado. Na quarta estrofe, de maneira inusitada, a poeta critica um calçado de madeira, provavelmente bem inferior aos calçados de qualquer outro país frequentado por ela, pois o controle de qualidade não permitiria diferenças entre os produtos fabricados. A crítica, no entanto, acaba por se reverter em uma característica atribuída à singularidade do país, pois este achado se torna um dos motivos pelos quais o Brasil era tão especial aos seus olhos curiosos:

“– Not to have had to stop for gas and heard  
the sad, two-noted, wooden tune  
of disparate wooden clogs  
carelessly clacking over  
a grease-stained filling-station floor.  
(In another country the clogs would all be tested.  
Each pair there would have identical pitch.)”<sup>13</sup>

Salientamos que mesmo listando algumas curiosidades não tão atrativas, Bishop é capaz de convencer que o Brasil é indispensável ao turismo. O país tropical nos anos de 1950 estava se desenvolvendo e gradualmente conquistando o seu espaço de importância para o estrangeiro. Muitas das reservas e parques nacionais eram preservados, havia espécies de animais, frutas e recursos minerais que não existiam em nenhum outro lugar do mundo. Ela continua: “[...] – A pity not have heard/

---

12 “Ah, por que insistimos em sonhar os nossos sonhos/ e vive-los também?” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 67).

13 “– Não ter parado num posto de gasolina e ouvido/ a melancólica melodia de madeira, com duas notas só/ de um par de tamancos descasados/ pisando sonoros, descuidados,/ um chão todo sujo de graxa./ (Num outro país, os tamancos seriam todos testados./ Os dois pés produziriam exatamente a mesma nota)” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 67).

the other, less primitive music of the fat brown bird”<sup>14</sup>, se entusiasmando com o canto de um pássaro desconhecido que pousa em uma igreja jesuítica, afirmando ainda que seria uma pena não ter descoberto a relação entre o calçado de baixa qualidade e as formas das gaiolas de madeira.

“Questions of Travel” é um dos poemas mais populares de Bishop, é contemporizador e não há delimitação na imaginação da escritora-viajante. Neste “diário de viagem”, a poeta constrói e desconstrói argumentos, permitindo que o leitor se enxergue indiretamente nas perguntas elaboradas e reflita sobre o que é viajar, como seria uma visita ao Brasil e o que país significou para ela. Não há respostas concludentes, há perguntas contrapostas, induzindo-nos a acreditar que viajamos, porque realmente seria uma pena se não o fizéssemos. Bishop era uma residente do mundo e compartilhava seu fascínio, de modo que idealizamos os roteiros de viagem sendo concluídos ao seu lado.

Bishop finaliza o poema com um último questionamento: “Is it lack of imagination that make us come to imagined places, not just stay at home?”<sup>15</sup>, considerando que a ideia de “lar” não está precisamente vinculada a um conjunto de paredes, teto e cômodos nem à uma cidade natal, mas a qualquer espaço que nos faça sentir acolhidos e acrescenta: “[...] Should we stayed at home, wherever that may be?”<sup>16</sup> A escritora viajava pela necessidade de se deslocar entre os continentes, devido ao apreço por mapas e pela geografia. Uma viajante se alimenta por meio das experiências de suas jornadas, é revigorante saber e encontrar o que existe mais do que já se conhece e o Brasil, concedeu a Bishop muitas respostas, para o que a sempre inquietou.

### 3.3 Um novo lar e uma paixão

“Song for the Rainy Season”, publicado em 1960, é o terceiro e último poema a ser analisado. Ao contrário de “Questions of Travel”, onde Bishop busca respostas, teorizando acerca das viagens e sobre o que exatamente seria um “lar”, neste poema ela discorre sobre o Brasil enquanto o lar que precisasse ter desde que ficou órfã de pai e mãe, detalhando o cenário natural que a envolvia. “Song for the Rainy Season” é um poema repleto de simbolismo, estruturado como uma verdadeira canção de amor ecoada pelo tempo chuvoso. A poeta se inspira no “Sítio de Alcobacinha”, situado na Fazenda Samambaia em Petrópolis, no Rio de Janeiro e conseqüentemente em quem a recebeu em sua primeira vez no Brasil e veio a se tornar sua companheira, a arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares.

---

14 “– Uma pena não ter ouvido/ a outra música, menos primitiva, do gordo pássaro pardo” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 67).

15 “Será falta de imaginação o que nos faz procurar/ lugares imaginados tão longe do lar?” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 69).

16 “[...] Teria sido melhor ficar em casa,/ onde quer que isso seja?” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 69).



Ao introduzir descrevendo “hidden, oh hidden/ in the big fog/ the house we live in,/ beneath the magnetic rock,/ rain –, rainbow-ridden”<sup>17</sup>, a poeta cria uma áurea de magia em relação a casa que compartilhava com Lota, destacando o quão oculta está na névoa e exposta ao arco-íris. Bishop pinta uma belíssima paisagem com bromélias, líquens e cascatas, reluzindo a sua vida em harmonia ao lado da arquiteta, isoladas em um mundo inventado por elas. Na segunda estrofe, avança evidenciando o “conto de fadas” vivido no Brasil ao cultivar o vapor da chuva que sobe e se transforma em uma nuvem particular:

“In a dim age  
of water  
the brook sings loud  
from a rib cage  
of giant fern; vapor  
climbs up the thick growth  
effortlessly, turns back,  
holding them both,  
house and rock,  
in a private cloud.”<sup>18</sup>

Os versos curtos de “Song for the Rainy Season” expressam veementemente os significados de cada palavra, criando um clima sombrio e romântico à medida que os elementos aparecem no texto. Na terceira estrofe, a poeta nos apresenta a mais pura natureza em tempos de chuva, uma coruja que canta ritmicamente e come rãs em pleno ato sexual, e a casa, que parece estar sempre aberta para o orvalho branco, sendo tomada por insetos trazidos pelo temporal.

Sem demora, o poema fica ainda mais pessoal e Bishop nos transporta para um cômodo carregado de erotismo, com uma parede embolorada ao dizer “[...] with a wall/ for the mildew’s/ ignorant map;/ darkened and tarnished/ by the warm touch/ of the alarm breath”<sup>19</sup>, expondo delicadamente a sexualidade com descrições do toque e do hálito quente trocados entre as amantes. Tais versos são o ápice do poema, pois ela se desnuda de receios, denotando o que mais influenciou em sua mudança para o Brasil.

Como uma escritora-viajante, em “Song for the Rainy Season” Bishop não perde o hábito de relatar o que é atrativo nas paisagens e acontecimentos, associando-os

---

17 “Oculta, oculta,/ na névoa, na nuvem,/ a casa que é nossa,/ sob a rocha magnética,/ exposta a chuva e arco-íris” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 95).

18 “Numa obscura era/ de água/ o riacho canta de dentro/ da caixa torácica/ das samambaias gigantes;/ por entre a mata grossa/ o vapor sobe, sem esforço,/ e vira para trás, e envolve/ rocha e casa/ numa nuvem só nossa” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, p. 95).

19 “[...] com uma parede para o mapa/ ignorante do bolor;/ escurecida e machada/ pelo toque cálido/ e morno do hálito” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 97).

à pessoa amada. Entretanto, a penúltima e última estrofes invertem o cenário do poema, desalentando o leitor ao desfazer das cenas pintadas. Sarcasticamente, a poeta exclama “alegra-te!”, devido a uma nova estação que está por vir e com ela o fim do espetáculo que a chuva presenteia à “Casa Samambaia”. A exaltação da natureza em tempos chuvosos e nebulosos a distingue de poetas estrangeiros, visto que para muitos os dias de sol exalam alegria e satisfação:

“[...] Without water  
the great rock will stare  
unmagnetized, bare,  
no longer wearing,  
rainbows or rain,  
the forgiving air  
and the high fog gone;  
the owls will move on  
and the several  
waterfalls shrivel  
in the steady sun.”<sup>20</sup>

Bishop retrata o verão como algo deprimente, que encerra um ciclo de amor. A chuva representa a ligação entre as amantes e com a natureza, é o que excita e revigora. A poeta enfatiza que se não fosse pela chuva o que está apreciando não existiria, e ressalta que tudo é efêmero e será diferente em uma época muito próxima. A obra *Questions of Travel* é dedicada a Lota de Macedo Soares, assinada com uma epígrafe de Luís de Camões: “[...] o dar-vos quanto tenho e quanto posso, que quanto mais vos pago, mais vos devo”, confirmando “Song for the Rainy Season” como um dos poemas românticos para o amor brasileiro de Bishop. A chuva representa a ligação entre as amantes e com a natureza, é o que excita e revigora.

“A canção da chuva” conta uma história de amor entre duas mulheres refugiadas na serra do Rio de Janeiro, em uma casa abarrotada de rochas com vista para paisagens do Sítio de Alcobacinha. Embora registre com paixão, Bishop é consciente de que se nem mesmo as estações perduram, quem dirá a união entre seres errantes. Ela só tem a certeza da chegada do verão, do desaparecimento do arco-íris, das neblinas e corujas, da seca das cascatas e da inconstância que é a vida.

---

20 “[...] Sem água/ a grande rocha ficará/ desmagnetizada, nua/ de arco-íris e chuva,/ e o ar que a acaricia/ e a neblina desaparecerão;/ as corujas irão embora,/ e todas as cascatas/ hão de murchar ao sol/ do eterno verão” (BISHOP *apud* BRITTO, 1999, 99).

## Considerações finais

A poesia de Elizabeth Bishop não se difere, em se tratando da emoção que um poema pode causar, mas no que a poeta buscava retratar por meio de suas ideias imprevisíveis. *Questions of Travel* é uma obra que ressalta a “identidade híbrida” de Bishop, construída pela sua inquietação em viajar, sondar novos mundos e se encontrar em um lugar que a fizesse se sentir pertencente. Dedicada a quem a acolheu no Brasil e lhe deu uma casa até que decidisse sair do país, esta coletânea de poemas é tão brasileira quanto estrangeira. Os relatos de viagem que a compõe narram o contato com os mais variados povos e culturas, inéditos às origens da escritora-viajante.

A partir deste estudo, conclui-se que os poemas inspirados no Brasil analisados se configuram como literatura de viagem, posto que a narrativa é inteiramente sobre as descobertas, reflexões e experiências durante as viagens realizadas por Elizabeth Bishop e a sua estadia no país. Contudo, as descrições das paisagens, casualidades e do povo brasileiro exigem um leitor assim como a poeta, sensível, discreto e sagaz, que entenda as mensagens além da superficialidade, pois Bishop criava uma poesia imagética moderna, mantendo as antigas peculiaridades da cultura americana, como o senso de humor e a ironia.

Os poemas “Arrival at Santos”, “Questions of Travel” e “Song for the Rainy Season” nos permitem constatar que o senso de humor e a ironia também são características marcantes nos três, independentemente do tema. Bishop reflete a evolução do seu ponto de vista à medida que se afeiçoa ao Brasil, encantando pelas coisas mais inesperadas. As análises dos poemas mostram que percepções nunca são definitivas e estão sujeitas a frequentes mudanças, a depender das circunstâncias em que o indivíduo se encontra. No Brasil, a poeta se apaixonou, escreveu poemas memoráveis, encontrou o lar perdido que tanto buscava desde a infância e se deparou, portanto, vivendo o que jamais imaginava um dia.

Elizabeth Bishop foi uma poeta que adotou o Brasil como a sua segunda pátria devido à forte relação que desenvolveu com o país, escreveu em inglês poemas sobre o que observava, traduzia ainda grandes poetas brasileiros. Sendo assim, pela riqueza da produção poética e maestria da autora em “pintar” paisagens e sentidos com palavras, conforme apresentamos nas análises dos três poemas selecionados, esperamos que este estudo possa incentivar novos leitores e, principalmente, pesquisadores a adentrar a obra de Bishop, cuja poética carece ser mais estudada em nosso país.

## **THE POETICS OF TRAVELING: BRAZIL AS INSPIRATION FOR ELIZABETH BISHOP**

**Abstract:** Elizabeth Bishop’s “Questions of Travel”, published in 1965, brings together poems in English about Brazil inspired by Brazilian culture, revealing the poet’s foreign gaze, from her first contact with

the country to her stay. The purpose of this article is to discuss Bishop's poetics, highlighting the genre of travel literature through poems created from her experiences in Brazil. Her life and work, her link with Brazil, her writing style and the concept of travel literature will be addressed, associating the poems with travel reports. Therefore, the analysis of three poems selected from "Questions of Travel" will follow in order to reflect on the changes in Elizabeth Bishop's perception of Brazil. To develop the biography of the poet, we rely on letters written by Bishop, gathered by Giroux (1994), on observations by Ellis (1950), Millier (1993) and reflections by Britto (1999), who grouped and translated poems by Bishop inspired by in Brazil. Regarding the poet's writing style, we turn to Anastácio (1999), Costello (1991) and Robbins (1966), who discuss her modern poetry. The theme of travel in the poet's writing is explored from the perspective of Bernlef (1976); and travel literature, from the perspective of Cristóvão (2002), Junqueira (2011), Machado & Pageaux (1994), Ribeiro (2007) and Romano (2013).

**Key-words:** Poetry; travel literature, foreign view.

## Referências

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. *O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, 1999.

BERNLEF, J. "O poema explodido: sobre poesia". Amsterdã: Em. Querido's Uitgeverrij B.V., 1976. p. 84-92. In: MONTEIRO, George. *Conversas com Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 87

BISHOP, Elizabeth. *Questions of Travel*. Nova Iorque: Farrar Straus & Giroux, 1965.

BRITTO, Paulo Henriques. *Elizabeth Bishop Poemas do Brasil*, seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTELLO, Bonnie. *Elizabeth Bishop: Questions of Mastery*. Massachusetts: Harvard University Press, 1991.

CRISTÓVÃO, Fernando. "Para uma Teoria da Literatura de Viagens". In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina, 2002.

ELLIS, Sally. "Titular da Cadeira de Poesia dos Estados Unidos conta como corteja a Musa". Boston: Boston Post Magazine, 1950. p. 5. In: MONTEIRO, George. *Conversas com Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 25-29.

GIROUX, Robert. *One Art: The Selected Letters*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Editora Humanitas, 2011. v. 2. p. 45.

MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1994.

MILLIER, Brett C. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. California: University of California Press, 1993.

RIBEIRO, Roberto Carlos. *Literatura de viagem e historiografia literária brasileira*. Uberlândia: Revista Letras & Letras, 2007. p. 145.

ROBBINS, Tom. “Em ação: a originalidade da poeta”. Seattle: Seattle Magazine, 1966. p. 8-12. In: MONTEIRO, George. *Conversas com Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 59.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *Viagens e Viajantes: Uma Literatura de Viagens Contemporânea*. Londrina: Estação Literária, 2013. v. 10B. p. 33-48.

Recebido em 20 de fevereiro de 2022.

Aprovado em 16 de abril de 2022.